

www4.fsnet.com.br/revista

Revista FSA, Teresina, v. 11, n. 3, art. 5, p. 96-158, jul./set. 2014

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2014.11.3.5>

COMÉRCIO E USO DE PLANTAS E ANIMAIS DE IMPORTÂNCIA MÁGICO- RELIGIOSA E MEDICINAL NO MERCADO PÚBLICO DO GUAMÁ, BELÉM DO PARÁ

TRADE AND USE OF PLANTS AND ANIMALS OF IMPORTANCE MAGICAL/RELIGIOUS AND MEDICINAL IN MARKET OF GUAMÁ, CITY OF BELÉM, STATE OF PARÁ

Bruna Letícia Gentil Bitencourt

Bacharelanda em Ciências Biológicas/Universidade Federal do Pará

E-mail: brunagentilb@yahoo.com.br

Belém, Pará, Brasil

Pedro Glécio Costa Lima

Doutorando em Ciências Florestais/Universidade Federal Rural de Pernambuco

E-mail: gleciolima@gmail.com

Recife, Pernambuco, Brasil

Flávio Bezerra Barros*

Doutor em Biologia da Conservação/Universidade de Lisboa

Professor da Universidade Federal do Pará

E-mail: flaviobb@ufpa.br

Belém, Pará, Brasil

*Endereço: Flávio Bezerra Barros

Universidade Federal do Pará, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural. Rua Augusto Corrêa, Nº1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá, Belém, PA – Brasil, CEP: 66075-110.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 23/05/2014. Última versão recebida em 11/06/2014. Aprovado em 12/06/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

O estudo objetivou saber quais são os usos feitos de plantas e animais medicinais e mágico-religiosos e como ocorre a comercialização desses no Mercado Público do Guamá, Belém do Pará. Para tanto, foi feita pesquisa de campo na qual foram aplicadas entrevistas com os interlocutores, turnê-guiada e coletas e fotografias de material para possíveis identificações. Com isso, obteve-se uma lista com 180 etnoespécies de plantas, contidas em 68 famílias taxonômicas (sendo Asteraceae, Fabaceae e Lamiaceae as mais representativas, respectivamente) e outra lista com 14 etnoespécies de animais, incluídas em cinco categorias taxonômicas (mamíferos, répteis, aves, peixes e equinodermas), além de informações de como se dão suas comercializações. Percebeu-se que tal Mercado Público possui riqueza de biodiversidade, principalmente de plantas, e consequentemente riqueza de conhecimentos etnobiológicos e possui um esquema de distribuição comercial complexo, com atuação de diversos atores.

Palavras-chave: Etnobotânica. Etnozoologia. Mercados. Belém. Amazônia.

ABSTRACT

The study aimed to find out what are the uses made of medicinal and magical-religious plants and animals and the marketing of these occurs in the Public Market Guamá, Belém do Pará. For this field research interviews with interlocutors were applied as, as “walk-in-the-wood” was applied and collections and photographs of material were made for possible identifications. Thus we obtained a list of 180 ethnospecies plants, contained in 68 taxonomic families (Asteraceae, Fabaceae and Lamiaceae the most representative, respectively) and another list with 14 ethnospecies of animals, including five taxonomic categories (mammals, reptiles, birds, fish and echinoderms), beyond information on how to give their trades. It was realized that such Public Market has rich biodiversity, especially of species of plants, and consequently Ethnobiological wealth of knowledge and has a complex schema of commercial distribution, with involvement of several actors.

Keywords: Ethnobotany. Ethnozoology. Markets. Belém. Amazonia.

1 INTRODUÇÃO

As feiras e mercados populares presentes em grandes cidades da Amazônia, como a Feira do Ver-o-Peso, em Belém, e o Mercado Adolpho Lisboa, em Manaus, são espaços que reúnem parte da biodiversidade amazônica de importância alimentar, medicinal, artesanal, decorativa e mágico-religiosa. Nesses ambientes de sociabilidades, comércio e mobilidades, as pessoas encontram remédios e amuletos preparados com matéria-prima advinda de plantas e animais encontrados, sobretudo na Amazônia, mas também de outras regiões do Brasil. Com efeito, é nesses locais que a população busca formas de resolver alguns problemas cotidianos da vida humana, como falta de dinheiro ou emprego, a doença física e espiritual, o amor que se foi, a presença de um (a) amante na vida de um casal, dentre outros. Apesar de não haver um registro exato do número de pessoas que procuram esse tipo de comércio para adquirir os produtos, ressaltamos como fundamental a realização de estudos que revelem as principais características dos clientes, vendedores, e ainda, as espécies utilizadas.

Diversos estudos com enfoque etnoecológico ou etnobiológico vêm sendo desenvolvidos no Brasil (Alves & Rosa, 2008; Alves et al., 2010; Alves & Alves, 2012; Barros et al., 2012) e no mundo com a finalidade de mapear e caracterizar a relação das pessoas com a biodiversidade de importância medicinal e mágico-religiosa. Na Amazônia, estudos com essa abordagem foram realizados principalmente no campo da Etnobotânica (Coelho-Ferreira, 1996; Silva e França, 2012; Martins et al., 2005), ao passo que as investigações no campo da Etnozoologia são ainda escassas, destacando-se alguns poucos trabalhos, como aqueles desenvolvidos por Figueiredo (1994), Barros et al. (2012), Azevedo & Barros (2013).

Nessa perspectiva, Diegues (2000) afirma que as populações tradicionais veem a natureza como um todo, algo não fragmentado em domínios, pois costumam ver a cultura, religião, relações sociais e ambiente como um *continuum*; característica interessante para estudos e manutenção do que boa parte da sociedade urbana costuma ver como domínios separados. Logo, essa perspectiva de *continuum* nos permitiria, enquanto pesquisadores, problematizar novos horizontes para a compreensão da sociobiodiversidade, e discutir, em estreita parceria com as comunidades, noções de desenvolvimento sustentável partindo de um diálogo entre Universidade e Sociedade.

Destacamos, assim, a necessidade de se dar a devida atenção e valor aos conhecimentos e aos usos de animais e plantas por determinadas populações tradicionais; visto que elas carregam saberes culturais, biológicos (ecológicos, taxonômicos, botânicos,

entre outros), farmacológicos, religiosos, que são negligenciados e invisibilizados pelas ciências modernas e acabam se perdendo por conta dos processos de modernização e globalização.

Segundo Posey (1997), é importante analisar os mitos, lendas e crenças para demonstrar a inter-relação de uma sociedade com o ambiente em que vive. Sendo assim, o presente trabalho pretende diminuir, guardadas as devidas proporções, o desconhecimento que existe por parte da academia sobre essas interações etnobiológicas, principalmente aquelas presentes nos mercados públicos e feiras, visto que são locais-alvo de poucas investigações (Jain, 2000) e são lugares de importante troca de saberes (Albuquerque *et al.*, 2010).

A importância desses estudos é vista também quando nos deparamos com os dados da Organização Mundial de Saúde (*World Health Organization*) (2003) indicando a existência de uma maior utilização de plantas medicinais em nível global. Existem poucos estudos etnobiológicos que adentram em questões de aspecto comercial (origem, aspectos produtivos, variação de espécies entre entrevistados) em mercados e feiras (Albuquerque *et al.*, 2010), principalmente na região amazônica.

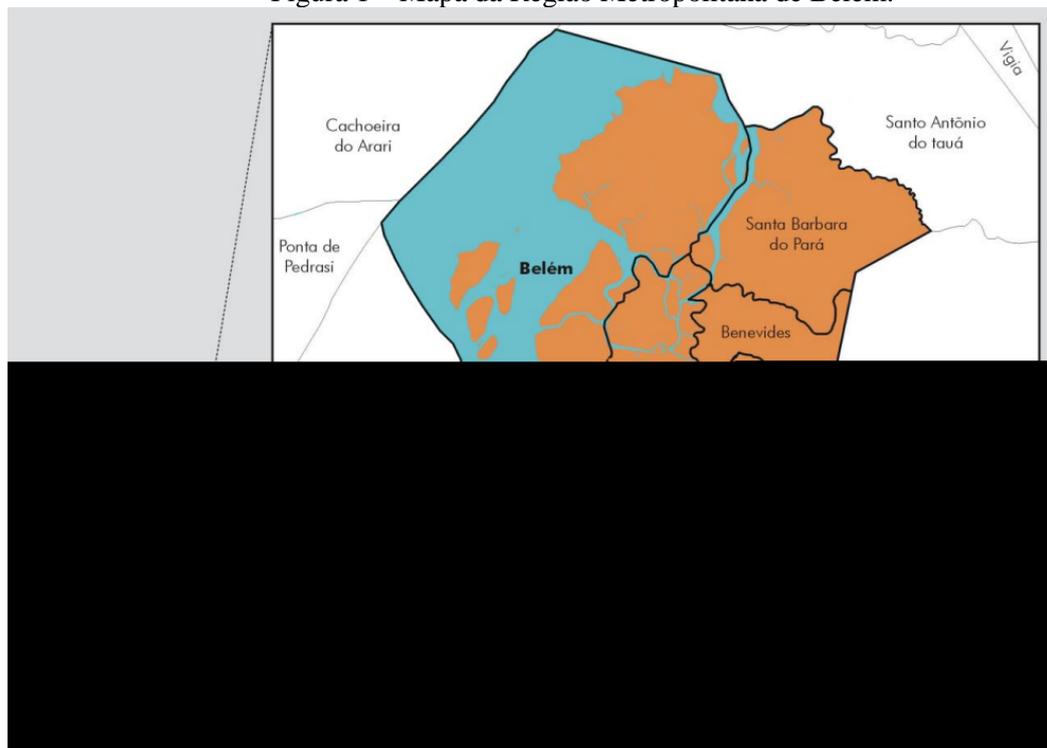
Animais também são importantes fontes para curas corporais e não corporais, entretanto o número de estudos é consideravelmente menor quando comparado aos estudos de plantas (Souto *et al.*, 2011); fato que também se deve à dificuldade de se obter informação dos entrevistados, talvez pelo aumento da fiscalização por parte do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Logo, este estudo também teve o intuito de apresentar e analisar os usos de animais nos campos medicinal e mágico-religioso, contribuindo assim para ampliar o conhecimento acerca das práticas zooterapêuticas presentes em território amazônico.

A referida investigação se desenvolveu dentro do domínio da Etnobiologia, na qual se insere a Etnobotânica que, segundo Alexiades (2004), é uma ciência multidisciplinar importante para entender a relação entre as plantas e o homem, levando-se em conta tanto a diversidade biológica quanto a diversidade cultural. Assim como a Etnobotânica, a Etnozoologia igualmente está inserida na Etnobiologia, que, segundo Alves (2011), representa conexões entre animais e humanos como forma de interações múltiplas e essas interações podem ter ocorrido tanto no passado quanto estar acontecendo no presente.

2 LUGARES DA PESQUISA

Realizamos a pesquisa no Mercado Público do Guamá, o qual está localizado no bairro de mesmo nome, em Belém, Pará. O estudo se desenvolveu junto às três barracas que comercializam os remédios e amuletos feitos com produtos de origem vegetal e animal. Entretanto, para que entendêssemos melhor a dinâmica da comercialização desses produtos usados com finalidades medicinais e mágico-religiosas, foi necessária a realização de visitas a outras localidades, como a Feira do Ver-o-Peso e a Travessa Oriental do Mercado, ambos no bairro do Comércio, onde os vendedores do Mercado do Guamá adquirem grande parte das plantas com atravessadores. Empreendemos também visitas a alguns bairros e distritos da região metropolitana de Belém (Figura 1), locais onde são cultivadas algumas plantas que constam na lista de produtos vendidos no Mercado do Guamá. Fizemos visitas de campo nesses diferentes locais no período de setembro de 2013 a maio de 2014.

Figura 1 – Mapa da Região Metropolitana de Belém.



Fonte: http://www.imazon.org.br/publicacoes/livros/copy6_of_Figura1.PNG/image_view_fullscreen

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conduzimos entrevistas abertas e semiestruturadas (Huntington, 2000) junto aos vendedores das três bancas do Mercado do Guamá que comercializam os produtos. As

entrevistas foram gravadas em um dispositivo mp3 e anotadas em caderno de campo, utilizando-se uma prancheta. Elaboramos um roteiro de perguntas para guiar as entrevistas com os interlocutores. Que plantas medicinais são comercializadas? Como elas são preparadas? São indicadas para quê? Como o/a senhor/a obtém essas ervas? Com quem aprendeu a utilizar? Que remédios feitos com animais são comercializados aqui? Estas foram algumas das perguntas norteadoras da pesquisa. As mesmas perguntas foram feitas para todos os entrevistados. Executamos as entrevistas abertas com a finalidade de deixar o comerciante livre para falar dos seus saberes, impressões, opiniões sobre os produtos, tal como sugere Posey (1997) para pesquisas em Etnobiologia. Antes da execução da pesquisa, explicamos os seus objetivos e aplicamos o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Cópias tanto do projeto como do TCLE foram deixadas com os interlocutores.

Com o auxílio de uma câmera, fotografamos todas as plantas e, quando possível, os animais, para ajudar na identificação taxonômica e as fotos também constituem um acervo fotográfico dado aos entrevistados, visto que o retorno dos resultados dos estudos é uma problemática que gera, atualmente, preocupações entre os pesquisadores da área de etnobiologia (Patzlaff & Peixoto, 2009). Para que tais fotos fossem obtidas, utilizamos um banco que serviu como plataforma onde colocamos um isopor com fundo preto no qual foram alfinetadas as plantas para que as folhas fossem registradas, assim como as flores e frutos, quando presentes. Adaptamos ao isopor um escalímetro para ter uma ideia do tamanho das estruturas das plantas. O registro fotográfico é de fundamental importância para trabalhos dessa natureza (Medeiros et al., 2010; Souto 2010), pois é uma ferramenta crucial para o registro da biodiversidade útil.

Como é recomendado por Albuquerque *et al.* (2010), Nguyen (2005) e Ramos (2005), a identificação científica de plantas e animais vendidos em feiras é dificultosa, visto que eles se encontram muitas vezes despedaçados, ou, como é mais comum ocorrer, encontrados apenas partes desses componentes. No caso das plantas, são comuns cascas, folhas, raízes, sementes, flores, frutos; e no caso dos animais, pelos, unhas, banhas, dentes, órgãos genitais (vagina e pênis), dentre outros. Portanto, a taxonomia científica foi suposta usando “pistas taxonômicas”, como sugere Albuquerque *et al.* (2010).

Para a maioria das plantas, comparamos as fotos com aquelas presentes em guias de identificação de plantas medicinais (Lorenzi, 2008) e principalmente comparando os nomes populares das plantas encontradas no Mercado do Guamá com trabalhos sobre plantas medicinais e mágico-religiosas feitos na região amazônica (Branch & Silva, 1983; Luz, 2001;

Lima et al., 2011; Pinto & Maduro, 2003; Coelho-Ferreira, 1996; Berg, 1984; Berg & Silva, 1986; Santos, 2006; Lima & Santos, 2006; Amorozo & Gély, 1998).

Para as plantas cuja possibilidade de serem coletadas frescas existiu, realizamos os procedimentos-padrão, como prensagem, secagem, preparação de exsiccatas e identificação de acordo como a metodologia específica (Rotta et al., 2008; Santos *et al.*, 2010). Tais plantas foram adquiridas com os mesmos atravessadores que as revendem aos erveiros do Mercado do Guamá. Esses atravessadores vendem seus produtos no chão, em cima de lonas ou papelão, e ficam localizados no entorno do Solar da Beira, na Feira do Ver-o-Peso, de segunda-feira a sábado. Esses vendedores chegam ao local ainda de madrugada, por volta das 3:00-5:00 horas e permanecem no local até por volta das 8:00 horas, momento em que os guardas municipais solicitam sua saída, uma vez que o comércio formal de ervas nas bancas do Ver-o-Peso começa a funcionar. Todo o material adquirido foi levado para a Coordenação de Botânica do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), onde foi preparado. Ressaltamos, contudo, que apenas 9 plantas, consideradas férteis, foram incorporadas ao Herbário do MPEG, servindo assim como material testemunho. Outras 25 plantas infelizmente não puderam ser depositadas na coleção por não estarem enquadradas no padrão exigido.

No caso dos produtos de origem animal, a classificação científica foi suposta tendo-se como base o nome popular usado nas bancas e posterior consulta do correspondente nome científico, ressaltando a necessidade de haver mais trabalhos com essa perspectiva, visto que os animais, na grande maioria, não são vendidos inteiros e sim seus derivados; e as formas de obtenção são omitidas pelos vendedores em função do aumento da fiscalização por parte do IBAMA. Alguns nomes populares e suas correspondentes taxonomias científicas presentes em nosso trabalho foram comparadas com trabalhos realizados por outros autores, como Alves e Rosa (2007), CBRO (2007), Alves et al. (2012) e Roskov et al. (2014). Como forma de manter o anonimato dos interlocutores, utilizamos apenas as letras iniciais dos nomes dos autores.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Uma medicina popular presente no mercado: as plantas e os usos

Identificamos um total de 180 plantas com uso medicinal e mágico-religioso no Mercado do Guamá, incluídas em 68 famílias. As famílias que apresentaram maior número de representantes foram, respectivamente, Asteraceae (n=16), Fabaceae (n=13) e Lamiaceae

(n=12). Essas famílias também estão presentes em outros estudos focados em plantas medicinais conduzidos na Amazônia (Silva e França, 2012; Martins et al., 2005). A predominância de Asteraceae e Lamiaceae é mostrada em Azevedo & Silva (2006). Em Alves & Pohv (2013), Lamiaceae, Asteraceae e Fabaceae também estão entre as mais citadas famílias. As plantas foram indicadas para tratar cerca de 90 problemas, entre doenças e outras dificuldades. Dentre as várias doenças, pudemos identificar o reumatismo, pressão alta, hemorragia, tosse, azia, bronquite, gripe, asma, enxaqueca, nervosismo, depressão, doenças sexualmente transmissíveis como sífilis e blenorragia, além de mal olhado, falta de dinheiro, ausência de namorado/a, foram algumas indicações destacadas pelos interlocutores, conforme pode ser observado na Tabela 1. Como se pode notar, a variedade de plantas presentes no Mercado do Guamá é bastante grande, o que conseqüentemente leva a uma variação de usos igualmente significativa, característica que se confirma a partir das narrativas a seguir:

“...isso aqui é...tem três nomes...ele num vasinho dá uma florzinha que você joga água e sai uma fumacinha, chamam de Maria-fumaça...aí chamam pra ele de combate porque dizem que combate a força do mal, na área de umbanda, e tem o outro nome que é ei-de-vencer...porque se vence o mal vence qualquer coisa...” (N).

“...esse é o carrapatinho, esse aqui é um parasita, ele dá em mangueira...toma banho... aí tu fica junto do teu namorado ou então tu lava a tua roupa junto com a do teu namorado aí ele vai ficar agarradão contigo...” (N).

“...como remédio não serve pra nada, mas serve pra fazer banho...serve pra homem e pra mulher...cachorrinho é bobo né? Aquela coisa todo mundo brinca...aí a gente faz o banho pra pessoa ficar tipo um cachorrinho...do teu lado...” (N).

Nos dois trechos seguintes pode-se observar o valor religioso que algumas plantas possuem e não só em apenas uma religião:

“...na umbanda você vai ver um outro lado...uma outra finalidade pra essas ervas...mucuracaá, cabi, cipó de alho...é uma outra área das ervas...aí só eles podem te responder, não posso te falar por eles...ainda sei um pouquinho...mas eles te explicariam melhor...as ervas não têm só uma finalidade, têm várias finalidades...”(N).

“...Universal também, os pastores...eles pedem muito...banho da prosperidade...eles trabalham com ervas...”(N).

As plantas podem ser adquiridas tanto secas como frescas. No caso das primeiras, encontram-se à venda raízes, cascas, sementes, folhas, frutos, flores, dentre outros. No caso das plantas frescas, em geral são adquiridas as folhas presas em pequenos galhos. Conforme

nossas conversas com os erveiros, pudemos verificar que há uma grande procura por esses remédios alternativos por parte das pessoas, que todos os dias vão ao mercado para obter um remédio caseiro a fim de resolver seus problemas cotidianos, desde os mais complicados, como câncer, até os mais simples, como uma diarreia. Foi-nos relatado ainda pelos interlocutores que existe um crescente interesse por plantas que possuam propriedades terapêuticas tanto no campo físico/biológico como nos campos simbólico-religiosos por parte das comunidades que vivem principalmente em bairros periféricos. As narrativas abaixo podem iluminar estas anotações:

“...e muito...olha, minha banca tá seca, eu vendo muito, amanhã já tá chegando bastante mercadoria...”(A.).

“...sempre foi essas (plantas) aí, mas aí vem surgindo novas formas, novas plantas, novas descobertas, vai só aumentando... porque sempre tem pesquisa, né? O povo sempre tá na Amazônia por isso essa briga toda pela Amazônia porque é muito rica, aí eles vão descobrindo aí a gente vai só trazendo pra cá...” (N.).

“...tirar eles (fornecedores) não tiram, eles só fazem aumentar realmente...não tiram plantas, porque quanto mais aumenta, no caso a descoberta, mais plantas nós trazemos pra cá, aí vai só...” (N.).

Durante nosso trabalho de campo, observamos que as formas, percepções, obtenção e transmissão de saberes etnobotânicos e etnozoológicos apresentam diferenças entre os entrevistados. Um deles, A., nos relatou que aprendeu com a família, a qual ainda trabalha com plantas e animais mágico-religiosos e medicinais, e transmite tais saberes aos seus filhos como pode ser visto em suas falas, que descrevemos abaixo:

“...eu aprendi com meu pai e minha mãe, eles trabalharam muitos anos...eu já trabalhei no Ver-o-Peso, sabe aquelas barracas que tem lá no Ver-o-Peso? Já trabalhamos lá...desde moleque eu trabalho com isso, já trabalhei aqui no complexo do Jurunas com isso...do Jurunas vim pra cá...tenho uma irmã que ela tem uma loja aqui na...entroncamento, aquela Pau d' Verônica é dela...quase todos nós trabalhamos com isso, eu tenho um irmão que ele trabalha com isso aqui na 25 (feira da 25 de setembro) e a minha mãe trabalha em São Braz, não é dentro do mercado, é naquela feirinha que passa até carro por baixo, ela trabalha lá em cima com isso...aprenderam com meus avós...que já vem de geração...eles trabalharam quando não tinha tanta coisa industrializada como tem agora, em cápsulas, em garrafas, era só assim mesmo...só o chá...”(A.). Grifo nosso.

“...surgiram novas coisas e também a gente vai se atualizando...tenho filho de 12, de 13, tenho uma menina de 10 anos, ela que confecciona esse rótulo pra mim, os outros já me ajudam a botar rótulo, engarrafa...aí eles já tão aprendendo a fazer a dose certa, um pouquinho disso, um pouquinho disso...”(A.).

Outro entrevistado, N., aprendeu na convivência com uma senhora que comercializava verduras na feira, o que também é perceptível em sua fala:

“...meu pai não trabalhava com isso, entendeu? Mas por ironia do destino eu vim trabalhar com isso...mas meu pai entendia muito disso...meu pai tinha conhecimento muito grande com relação a isso, ele fazia garrafada, fazia xarope, fazia...puxava, fazia massagem, ele tinha uma...um conhecimento muito grande, mas em compensação a nossa família assim ninguém...mas coincidência ou não eu vim trabalhar com uma pessoa que mexia com verdura...aí essa pessoa viu que verdura não dava dinheiro, a concorrência é muito grande, aí ela optou na área das ervas porque a concorrência é pouca e aqui no Guamá não tinha, aí eu cresci com ela...eu comecei a trabalhar com ela com verdura, né? Aí logo depois a gente entrou na área das ervas...até hoje eu não quero trocar mais...aprendi mais com ela mesmo e pesquisando com livro, com internet, enfim com esse negócio de site...já fiz alguns cursos de manipulação também, no caso né? De ervas pra enriquecer o conhecimento...30 anos...cresci aqui...” (N.).
“...fiz também um curso de manipulação...o bioenergético é uma fórmula natural de trabalhar com ervas medicinais...são 30 anos de feira... 25, 28 anos de ervas...”(N.).

Dois dos três entrevistados, N. e A., já trabalham nesse segmento de plantas e animais medicinais e mágico-religiosos há mais de vinte anos. De modo geral, é possível perceber que os erveiros realizam esta atividade há muitos anos, tal como observaram Alves *et al.* (2008), que identificaram entre seus interlocutores que 48% dos erveiros exerciam esta atividade em Belém há mais de vinte anos.

Trabalhos feitos em comunidades ao longo do Brasil citam várias plantas usadas como medicinais e/ou mágico-religiosas que também estão citadas no presente estudo. Silva & França (2012) apresentaram plantas em comum com nosso trabalho. Nossa lista também apresenta 20% das plantas apresentadas por Silva *et al.* (2014) consideradas com utilidade medicinal por moradores de uma localidade no Estado da Paraíba por eles estudada. Também foi encontrada compatibilidade com 23% das plantas inventariadas por Pinto *et al.* (2006), que estudaram comunidades rurais de Itacaré, município baiano. Das 127 plantas citadas em Alves & Pohv (2014), 30% são compatíveis com as listadas pelos erveiros do Mercado do Guamá, assim como 72% das plantas listadas como medicinal na Ilha do Combu, Belém do Pará (Martins *et al.*, 2005) também são compatíveis.

Nossos resultados encontraram semelhanças com outros estudos empreendidos em feiras ou mercados do Brasil, como a pesquisa desenvolvida por Azevedo e Silva (2006), que, apesar de ter sido desenvolvida no Estado do Rio de Janeiro (127 plantas), apresentou semelhanças com nosso estudo. Pela análise de dados feita de uma pesquisa em Barra do Pirá, Rio de Janeiro (Parente & Rosa, 2001), percebeu-se que 28% das plantas comercializadas lá também são comercializadas no Mercado do Guamá. Encontramos ainda

um estudo realizado por Lima *et al.* (2011), que nos mostrou que 75% das plantas identificadas apresentam semelhanças com as nossas. O estudo ocorreu no Distrito Florestal Sustentável da BR-163, estado do Pará.

4.2 De onde vêm as plantas?

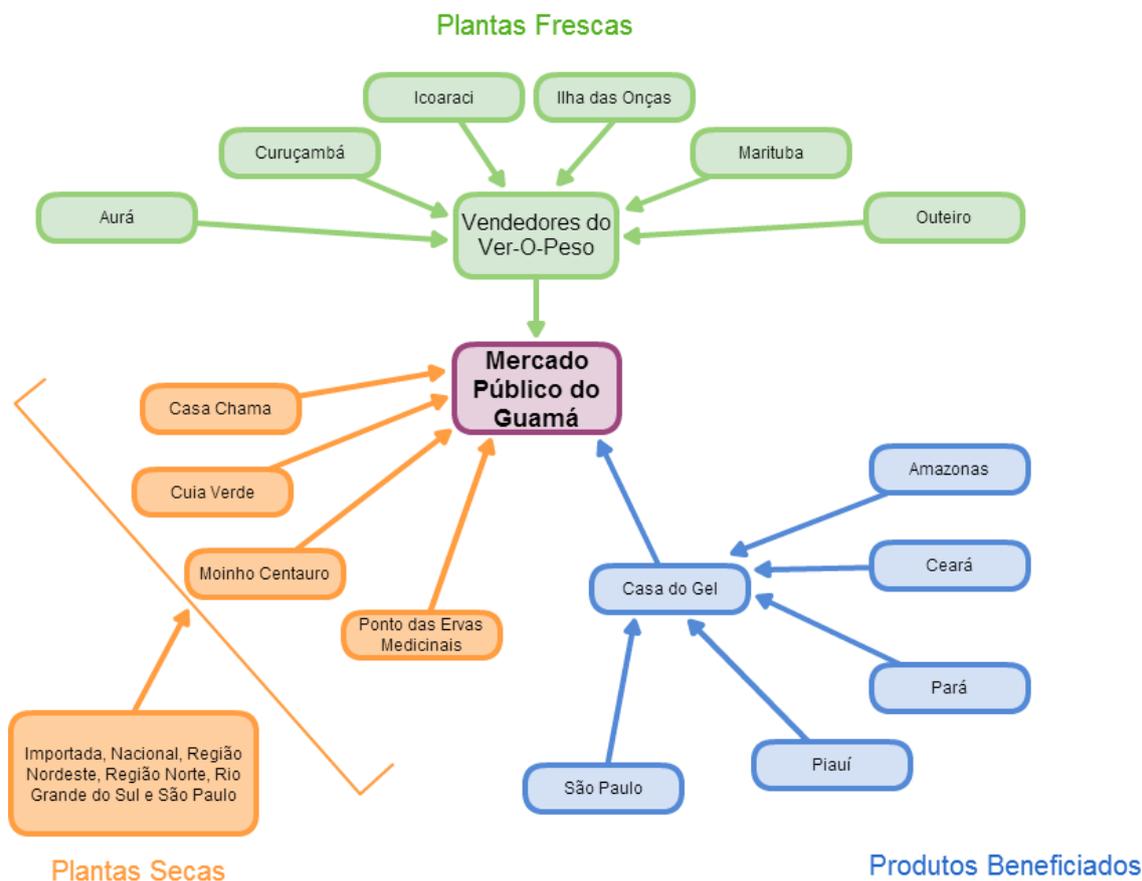
As plantas que são comercializadas nas barracas do Mercado do Guamá são adquiridas em diferentes lugares. Durante nosso estudo, identificamos que as plantas podem ser cultivadas ou coligidas do “mato” (Figura 2). Durante as entrevistas que realizamos, pudemos compreender que existe uma complexa rede de circulação de plantas, que podem vir de outros Estados brasileiros, mas, sobretudo, do interior do Pará e da região metropolitana de Belém. Em razão da nossa inserção junto aos erveiros descobrimos que o Ver-o-Peso funciona como um centro de distribuição de plantas frescas que chegam de diferentes lugares. No caso dos produtos beneficiados, estes são fornecidos pela Casa do Gel que, por sua vez, recebe os produtos de diversos Estados brasileiros, como Amazonas, Piauí, Ceará e São Paulo, além do Pará (ver Figura 3). As plantas secas são obtidas a partir de fontes de diversos Estados brasileiros e até mesmo do exterior, as quais são repassadas para quatro lojas que as comercializam. Os erveiros do Guamá, por sua vez, adquirem as plantas secas dessas quatro casas.

Figura 2 – Vendedora coletando plantas doadas por dona da casa cercada (esquerda). Cultivo onde são plantadas algumas espécies de plantas medicinais e mágico-religiosas (direita).



Fotos: BLGB.

Figura 3 – Esquema mostrando a rede de comercialização e distribuição de plantas que são vendidas no Mercado Público do Guamá. Fonte: Pesquisa de campo.



Autoria: BLGB.

Os atravessadores adquirem as plantas frescas de pessoas que as cultivam em hortas ou em quintais. Mas também podem conseguir coletando no “mato”, ou mesmo pedindo plantas nas casas onde eles identificam a presença de ervas com valor medicinal ou mágico-religioso. Essas plantas, após serem acumuladas, são trazidas para o Ver-o-Peso por meio de transportes fretados ou são trazidas pelos próprios atravessadores em transporte público (ônibus). De modo geral, as plantas são vendidas em maços a preços que variam de R\$ 1,00 (hum real) a R\$ 3,00 (três reais) e geralmente no fim da “feira”, por volta das 8:00 horas, esses preços chegam a baixar bastante, podendo ser negociados a R\$ 0,50 ou um conjunto de maços por R\$ 2,00 ou R\$ 3,00, dependendo da planta. Em suas respectivas barracas, esses maços de plantas são vendidos a preços que variam de R\$ 1,00 a R\$ 4,00.

Destacamos ainda que essa atividade, repleta de sociabilidades e tramas, exerce um papel preponderante no tratamento de doenças, principalmente para a camada menos favorecida economicamente da sociedade, que busca nas diversas feiras e mercados da cidade de Belém e região metropolitana tratamentos alternativos com base nos produtos da sociobiodiversidade não apenas da Amazônia, mas de outras regiões. Pode-se perceber, portanto, uma nítida divisão de tarefas na dinâmica de comercialização dessas plantas, envolvendo gerações. Os papéis assumidos vão desde os cultivadores e coletores de plantas dos “matos” presentes em ruas e terrenos baldios até os atravessadores e erveiros do Guamá. Frisamos, contudo, que o que estamos chamando de atravessadores, assume igualmente a categoria de erveiros, pois também comercializam suas plantas e passam suas receitas a pessoas comuns, que não são consideradas erveiras. No caso específico desse trabalho, utilizamos a terminologia atravessador para os vendedores do Ver-o-Peso porque estamos considerando como referência os erveiros do Mercado do Guamá. Os relatos abaixo podem ilustrar esse universo:

“...essas (frescas) vêm direto do interior, né? Nêgo compra lá no meio do mato e traz pra gente, pra vender pra gente, mas não são eles que plantam também...lá no Ver-o-Peso também tem um espaço, além das barracas, logo cedo, se você for cedo, umas 6 horas...aí tem o Solar da Beira, não tem o Solar ali? Pois é...bem coladinho no Solar da Beira tem aquela área que passa gente, aí eles trabalham naquele perímetro lá...até 8 horas da manhã, depois disso eles não podem vender, as barraquinhas que tem que vender...eles chegam de madrugada...é uma feira diferente logo de manhã cedo... se você for 8 horas vai ver todas as barraquinhas vendendo bonitinho...mas se você for mais cedo você vai ver pessoas vendendo na rua...aí você compra isso aqui a 2 reais, lá, nas barracas, eles te vendem a 1 real...as vezes quando tá muuuito na safra, 3 por 1 real que é pra revender mesmo...”(N.).

“...isso aí a gente consegue ali no comércio, ali no Ver-o-Peso, tem gente que vem do interior e traz muito mato...é aqueles pessoal, sabe? Eles trazem muito do interior, eles andam muito no interior, eles trazem e a gente compra...pra revender, isso verde...”(A.).

Essa logística comercial pôde ser mais bem observada com visitas a campo ao Mercado do Ver-O-Peso, a Travessa Oriental do Mercado e a alguns lugares onde estão plantados alguns desses vegetais. E com essas visitas percebemos o árduo trabalho desempenhado para que, em uma das pontas de toda essa cadeia de comercialização, as plantas sejam vendidas para o consumidor final, como mostra a figura 3. A seguir uma narrativa que ilustra essa assertiva:

“...são vários fornecedores, são várias fontes, né? Existe os armazéns, existe as pessoas que plantam também, no caso, no interior e algumas já vem industrializadas,

né? Que são produzidas em laboratórios como pomadas, óleos, essências, elas vem assim já, de uma forma diferente. Mas quando elas vem verdes são plantadas aqui mesmo, Icoaraci, Outeiro...entendeu? Cê vê que são várias fontes, mas aí tem ervas que não são regionais, não tem aqui no Pará, aí tem que vim de fora pra gente...”(N).

Um dos entrevistados também possui algumas plantas em casa que, quando estão boas para colher, traz para vender. Os erveiros do Guamá também adquirem pequenas quantidades diretamente com pessoas que têm cultivo ou possuem tais plantas em casa e levam para eles:

“...consigo em horta como hortelã, mastruz...chama...catinga de mulata...tem muita coisa de horta que a gente consegue...marupazinho...olha, fica no Curuçambá...tem uma que fica ali na estrada do Maguari...tem em Marituba...eu moro pra Ananindeua, então fica mais próximo pra mim por ali...”(A.)

“...não, não, pequenas coisas que eu consigo assim... não com produtores, mas com pessoas que plantam em casa, né? Aí quando falta aqui eu pego nas casas...”(N.)

Tabela 1 – Plantas comercializadas com finalidades medicinal e mágico-religiosa no Mercado Público do Guamá, Belém do Pará. Plantas marcadas com * indicam que foram incorporadas ao Herbário do MPEG.

Nome Popular	Pista taxonômica	Forma de comercialização	Usos	Partes usadas/formas de uso	Origem
Abacate	<i>Persea americana</i> Mill. Família Lauraceae	Fresca	Anemia, inflamação nos rins, diurético, cálculo renal, infecção urinária, cistite, inflamação nos testículos, problemas na próstata	Folha ou semente (Chá)	Pará
Abre caminho/Cumaruzinho	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq. Família Acanthaceae	Fresca	Atrativo	Folha (Banho)	Pará
Açafrão	<i>Curcuma longa</i> L. Família Zingiberaceae	Seca	Sarampo	Folha (Chá)	Indeterminado
Açoita cavalo	<i>Luehea</i> sp.; <i>Luehea divaricata</i> Mart. Família Malvaceae	Seca	Tumores, má circulação, diarreia, reumatismo, artrite, artrose, pressão alta, colesterol, hemorragia	Casca (Chá)	Nordeste (PI)

Agarradinho	Sem identificação	Fresca	Atrativo da pessoa amada	Folha (Banho)	Pará
Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i> L.; <i>Cynara cardunculus</i> L. Família Asteraceae	Seca	Obesidade, colesterol, fígado	Folha com pedaços de caule (Chá)	Nordeste, São Paulo
Alecrim *	<i>Vitex agnus-castus</i> L. Família Lamiaceae	Fresca e Seca	Febres, nervosismo, problemas cardíacos, má digestão, histerismo e banho atrativo	Folha (Chá e banho)	Pará, Nordeste e São Paulo
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill Família Lamiaceae	Seca	Asma, enxaqueca, catarro, bronquite, tosse, gripe, gases, cólica estomacal e defumação	Semente (Chá)	São Paulo e Nordeste
				Defumação	
Alho	<i>Allium sativum</i> L. Família Bignoniaceae	Seca	Defumação e pressão alta	Casca do fruto (Chá)	Indeterminado
Amansa	Não identificado	Fresca	Amansar pessoa brava	Folha (Banho)	Pará
Amor-crescido	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Fresca	Queda de cabelo, úlcera e problemas	Folha e pecíolo (Chá)	Pará

			estomacais, diurético	e sumo	
	Família Portulacaceae				
Anauera	<i>Licania macrophylla</i> Benth.	Seca	Dores no estômago, ameba, giárdia	Casca (Chá)	Regiões Norte e Nordeste
	Família Chrysobalanaceae				
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Seca	Anti-inflamatório e coceira	Fruto (Óleo)	Pará
	Família Meliaceae				
Angico	<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan; <i>Piptadenia</i> sp.;	Seca	Asma, faringite, bronquite, problemas pulmonares, Corrimento	Casca (Chá)	Regiões Norte e Nordeste
	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg.;			(Asseio)	
	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan				
	Família Fabaceae				
Anis estrelado	<i>Illicium</i>	Seca	Cólicas, má digestão, azia, enxaqueca, tosse	Fruto (Chá)	São Paulo
	Família Schisandraceae				
Arnica	<i>Brickellia pinifolia</i> (Gardner)	Seca	Hematomas, contusões	Folha, pedaços do caule e botão floral	Região Norte e São

	A. Gray (Brasil)		e inchaços	(chá e tintura)	Paulo
	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.)				
	A. Gray (Venezuela)				
	Família Asteraceae				
Aroeira	Não identificada		Anti-inflamatório, cicatrizante, erisipela, limpeza de pele, antisséptica, distensão	Casca (Chá)	Regiões Norte e Nordeste
	Família Anacardiaceae				
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Fresca	Contra mal olhado, traz dinheiro.	Planta inteira (plantada)	Pará
	Família Rutaceae		Menstruação, abortiva, calmante	Folha (Chá)	
Assacú	<i>Hura crepitans</i> L.	Seca	Reumatismo e Câncer	Casca (Chá)	Região Norte
	Família Euphorbiaceae				
Leite de Amapá	<i>Parahancornia fasciculata</i> (Poir.) Benoist		Gastrite, anemia	Leite	Região Norte
	<i>Couma macrocarpa</i> Barb. Rodr.				
	<i>Brosimum parinarioides</i>				

Ducke					
	Família Apocynaceae ou Moraceae				
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Fresca	Anti-inflamatório, cicatrizante, pedra no rim, câncer, queda de cabelo, gastrite, erisipela, queimadura	Sumo (pomada, creme ou bate com mel)	Pará
	Família Xanthorrhoeaceae				
Banchá /Chá verde	<i>Camellia sinensis</i> Família Theaceae	Seca	Estimulante, diurético, desintoxicante digestivo	Folha (Chá)	São Paulo e Rio Grande do Sul
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville Família Fabaceae	Seca	Diarreia, cicatrizante, higiene íntima feminina, corrimento, adstringente, anti-inflamatório, hemorragia, antisséptico, anemia, blenorragia	Casca (Chá)	Pará
Bardana	<i>Arctium lappa</i> L. Família Asteraceae	Seca	Gastrite, abscesso, furúnculo, problemas na pele, depurativo	Folhas com pedaços do caule (chá)	Pará e São Paulo

Beliscão	<i>Bacopa axillaris</i> (Benth.) Standl. Família Plantaginaceae	Fresca	Cálculo renal, pedra no rim e vesícula, diurético	Folha (Chá)	Pará
Boldo	<i>Peumus boldus</i> Molina <i>Coleus forskohlii</i> (Willd.) Briq. Família Monimiaceae	Seca	Problema no fígado, estimulante de digestão, embaraço gástrico, diarreia, dor no estômago	Folha (chá)	São Paulo e Chile
Bôta	Não identificado	Seca	Machucado e colírio (conjuntivite)	Caule (Chá)	Indeterminado
Breu Branco	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand Família Burseraceae	Seca	Defumação	Resina em estado sólido	Região Norte
Catinga de mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng Família Lamiaceae	Fresca	Atrativo	Folha (banho)	Pará
Cabacinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn. Família Cucurbitaceae	Seca	Abortiva, massagem, inchaço (infusão na andiroba), verme, renite, sinusite	Fruto (Chá e infusão)	Regiões Norte e Nordeste

Cabeça de negro	<i>Wilbrandia</i> sp. Família Cucurbitaceae	Seca	Reumatismo, dermatose, epilepsia, lepra, prisão de ventre, depurativo do sangue nevrálgias.	Casca (pedaço do caule) Chá	São Paulo e Nordeste
Cabi	<i>Callaeum antifebrile</i> (Griseb.) D.M. Johnson Família Malpighiaceae	Fresca	Descarrego e coceira	Folha (Banho)	Pará
Cachorrinho		Fresca	Atrativo da pessoas amadas	Folha(banho)	Pará
Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L. Família Anacardiaceae	Seca	Cicatrizante e anti-inflamatório	Casca e vagem (chá)	Região Norte
Cajussara/ Sacaca	<i>Croton cajucara</i> Benth. Família Euphorbiaceae	Fresca/Seca	Descarrego, gastrite, úlcera e colesterol	Folha (Banho)/ Casca Pará/ e folha(Chá)	Região Norte
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i> L. Família Asteraceae	Seca	Calmante, cólicas hepáticas, diarreia, câimbra de estômago, antiespasmódico, depressões nervosas	Folha e flor (Chá)	São Paulo

Canarana/ Cana do brejo	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Fresca e Seca	Diurético, pedra nos rins e bexiga, inflamação dos rins	Folha (Chá)	Pará e São Paulo
Família Costaceae					
Canela	<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl	Fresca	Ativa sistema imunológico e estimulante físico	Folha com frutos (Chá)	Pará
Família Lauraceae					
Capim limão	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Fresca	Constipação	Folha (banho de cabeça)	Pará
Família Poaceae					
Capim marinho	<i>Cymbopogon citratus</i> D.C. Stapf.	Fresca	Infecção intestinal	Folha (chá)	Pará
Família Poaceae					
Carapanaúba	<i>Aspidosperma oblongum</i> A. DC. <i>Aspidosperma excelsum</i> Benth.	Fresca	Queda de cabelo Cicatrizante, anti-inflamatório, diabetes e colesterol	(Banho) Casca (chá)	Pará
Família Apocynaceae					

Carqueja	<i>Baccharis</i> Família Asteraceae		Seca	Azia, emagrecedor, gastrite, vermes intestinais, gota, problemas digestivos, intestinais, urinários e hepáticos	Folha e pedacinhos de caule (Chá)	São Paulo
Carrapatinho	Não identificada		Fresca	Ficar junto da pessoa amada	Trepadeira inteira (Chá)	Pará
Carobinha	Não identificada		Seca	Reumatismo, ameba, sífilis, problemas de pele, disenteria, escrófula	Folha (Chá)	Região Norte
Casca de Acapul	Não identificada		Seca	Dor de dente, anemia e anti-hemorrágica	Casca (Chá)	Indeterminado
Casca doce	<i>Pradosia huberi</i> Ducke Família Sapotaceae	Ducke	Seca	Úlcera, estômago, vermes intestinais, ameba	Casca (Chá)	Região Norte
Casca preciosa	<i>Anniba sp.</i> <i>Aniba canelilla</i> (Kunth) Mez Família Lauraceae		Seca	Disenteria, gota, catarro, estimulante, atua na digestão	Casca (Chá)	Região Norte
Cascara sagrada	Não identificada		Seca	Emagrecimento, prisão de ventre, problemas	Casca	São Paulo e Amazonas

			nos rins e vesícula	(Chá)	
Catuaba	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld & J.F. Souza; <i>Anemopaegma spp.</i>	Seca	Dar energia física e mental e é afrodisíaco.	Casca (Chá)	Região Norte e nordeste
Família Bignoniaceae					
Cedro	<i>Cedrela odorata</i> L.	Fresca	Inchaço nos testículos, úlceras, hérnia	Casca (chá)	Região Norte
Família Meliaceae					
Chá mate	<i>Ilex paraguariensis</i> A. St.-Hil.	Seca	Inchaço, anti-inflamatório e circulação	Folha e pedacinhos do pecíolo (Chá)	São Paulo e Rio Grande do Sul
Família Aquifoliaceae					
Chama	<i>Mentha</i>	Fresca	Atrativo	Folha (Banho)	Pará
Família Lamiaceae					
Chapéu-de-couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i> <i>Mitch.</i>	Seca	Sífilis, artrite, reumatismo, depurativo e diurético	Folha e Caule com casca (Chá)	São Paulo
Família Alismataceae					
Chá preto (mesma planta do chá verde, mas processo diferente)	<i>Camellia sinensis</i>	Seca	Sinusite e resfriado	Pó (Banho de cabeça e chá)	São Paulo
Família Theaceae					

Chega-te a mim/Papagainho	Não identificada		Fresca	Atrativo	Banho	Pará
Chia	<i>Salvia hispânica</i> L. Família Lamiaceae		Seca	Hemorroida e cólica Colesterol, redução de gordura, triglicerídeos, emagrecimento	Chá Semente (ingerir)	Indeterminado
Chicote de ogum	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer ex Hook. Família Asparagaceae		Fresca	Para proteção contra coisas ruins	Planta	Pará
Chora nos meus pés	Não identificada		Fresca	Descarrego	Banho	Pará
Cicuta	<i>Hydrocotyle bonariensis</i> Lam. Família Araliaceae			Atrativo	Folha (banho)	Pará
Cidreira*	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. Família Verbenaceae		Seca	Tira água do ouvido, dor no ouvido, anti-inflamatório e inchaço Insônia, calmante e estresse	Óleo Folha (Chá)	Indeterminado
Cipó de alho	<i>Adenocalymma alliaceum</i> (Lam.) Miers		Fresca	Condimento	Substitui o alho	Pará

Família Bignoniaceae			Descarrego	Banho	
Comida de jabuti/Eriri Oxum	Não identificada	Fresca	Coração, calmante e obstrução intestinal	Folha (Chá e salada)	Pará
Comigo ninguém pode	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott	Fresca	Descarrego	Folha (Banho)	Pará
Família Araceae					
Confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	Seca	Cicatrizante, gastrite, úlcera, pressão, dor muscular, prisão de ventre, hepatite	Folha e pedacinho do caule/Chá(uso externo também)	São Paulo
Família Boraginaceae					
Copaíba	<i>Copaifera</i> spp.	Fresca	Anti-inflamatório, bronquite, tosse, expectorante, cicatrizante, sífilis, coceira, cistite	Óleo e casca	Pará
Família Fabaceae					
Coração coramina	<i>Euphorbia tithymaloides</i> L.	Fresca	Coração	Folha e caule (Chá)	Pará
Família Euphorbiaceae					
Corre atrás/Busca longe/Vai e volta	Não identificada	Fresca	Atrativo	Folha (Banho)	Pará

Cravo de defunto / Cravo <i>Tagetes erecta</i> L. de anjo*		Fresca	Resfriado e gripe	Planta inteira (Banho)	Pará
	Família Asteraceae		Derrame e infecção	(Infusão)	
Cuaxinguba	<i>Ficus insipida</i> Willd	Fresca	Vermes	Casca (Chá)	Pará
	Família Moraceae				
Cuminho			Descarrego e tirar urucubaca.	(Banho)	
Cuia mansa	<i>Crescentia cujete</i> L.	Fresca	Amansar criança ou adulto	Folha (Banho)	Pará
	Família Bignoniaceae				
Cumarú	<i>Dipterix odorata</i> (Aubl.) Willd.	Seca	Inalação e sinusite	Semente (corta e coloca no álcool)	Indeterminado
	Família Fabaceae				
Dente d' leão	<i>Taraxacum officinalis</i>	Fresca e Seca	Fígado, diurético, icterícia, inflamação da vesícula biliar, congestão hepática	Casca e pedaços do caule e pecíolo	Pará e São Paulo
	Família Asteraceae				
Desempata*	<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	Fresca	Descarrego	Folha (Banho)	Pará

Família Asteraceae					
Elixir paregórico	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Fresca	Infecção intestinal, dores de fígado e estomacais, cólicas, diarreia, vômito e gases	Folha (Chá)	Pará
Família Lamiacea					
Embaúba Branca	<i>Cecropia palmata</i> Willd.	Fresca	Circulação	Folha (Chá)	Pará
Família Urticaceae					
Erva cavalinha	Não identificada	Seca	Diurético, menstruação, bexiga, próstata, inflamação nos olhos, hemorragias internas	Caule (Chá)	São Paulo
Erva de bicho/Erva de passarinho	<i>Tripodanthus acutifolius</i> (R. & P.) van Tieghem	Fresca e Seca	Verme, diurético, circulação, hemorróidas, varizes	Folha com caule (Chá)	Pará e São Paulo
Família Loranthaceae					
Erva de São João	Não identificada	Fresca e Seca	Banhos do período junino (sorte)	Planta inteira (Banhos)	Pará e São Paulo
			Diminui sintomas da menopausa	Folhas e flores (Chá)	
Erva doce menina	<i>Pimpinella</i>	Seca	Estimulante, gases e	Semente	Importado e São

	Família Apiaceae		cólicas	(Chá)	Paulo
Erva doce grande	<i>Pimpinella</i>	Seca	Estimulante, gases e cólicas.	Semente	Vários lugares do Brasil
	Família Apiaceae			(Chá)	
Erva picão	<i>Bildens</i>	Seca	Cálculo renal e diurético	Pedacinhos do caule e florzinhas (Chá)	São Paulo e Região Norte, vários lugares do Brasil
	Família Asteraceae				
Espada de são jorge	<i>Sansevieria hyacinthoides</i> (L.) Druce	Fresca	Descarrego	Planta (Banho)	Pará
	Família Asparagaceae		Proteção	(Planta em casa)	
Espinheira santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	Seca	Gastrite, úlcera, cicatrizante, antisséptica, gases, acidez, analgésica	Folha com pecíolo (Chá)	São Paulo e Marajó
	Família Celastraceae				
Esturaque	Família Asteraceae	Fresca	Expectorante	Folha (Gemada e xarope)	Pará
Eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp.	Seca	Sinusite, gripe, febre, infecção urinária, feridas, diabetes e coqueluche	Folhas (Chá)	Piauí, São Paulo e vários lugares do Brasil
	Família Myrtaceae				
Favacão*	<i>Ocimum gratissimo</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth.	Fresca	Gripe e dor de cabeça	Planta com folha e flor	Pará

(Banho de cabeça)					
Família Lamiaceae					
Feijão Quandú*	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Fresca	Dores estomacais, anemia e diurético	Folha e vagem (Chá)	Pará
Família Fabaceae					
			Dor de cabeça.	(Banho)	
Flor de catingueira	Não identificada	Seca	Bronquite, corrimento, infecção do ovário	Flor (chá e asseio)	Nordeste e São Paulo
Folha de algodão	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Fresca	Garganta, anti-inflamatório, expectorante, pneumonia, gripe, asma, enfisema pulmonar, resfriado, tosse	Folhas (Chá, sumo e xarope)	Pará
Família Malvaceae					
Folha de graviola	<i>Annona muricata</i>	Fresca	Obesidade, Colesterol e triglicerídeos.	Folha(Chá)	Pará
Família Annonaceae					
Folha de laranjeira/ Laranja da terra	<i>Citrus aurantium</i> L.	Fresca	Calmanete, antidepressivo, palpitação, gripe, resfriado e sinusite.	Folha (Chá)	Pará
Família Rutaceae					

Constipação					
(Banho para cabeça)					
Folha de limão	<i>Citrus</i>	Fresca	Gripe	Folha(Banho)	Pará
Família Rutaceae					
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Seca	Afrodisíaco, tosse, garganta, condimento	Raiz	Indeterminado
Família Zingiberaceae					
Gergilim Preto	<i>Sesamum</i>	Seca	Pressão alta e baixa, derrame facial e paralisia facial	Semente	Indeterminado
Família Pedaliaceae					
Ginkgo biloba	<i>Ginkgo biloba</i> L.	Seca	Varizes, circulação, labirintite, vertigem	Folha com pecíolo (Chá)	Importado e São Paulo
Família Ginkgoaceae					
Ginseng	<i>Pfaffia glomerata</i>	Seca	Esgotamento mental, físico e sexual, aumenta resistência, depressão	Raiz (chá)	Nacional e importada
Família Amaranthaceae					
Girassol	<i>Helianthus annus</i> L.	Seca	Atrativo de fortuna	Semente	Indeterminado
Família Asteraceae					
Guaco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Seca	Febre, asma, tosse, sífilis, gota bronquite,	Pressão alta (Chá) Folhas e pedacinhos	Importada e São

	Família Asteraceae		paludismo	do caule	Paulo
Hibiscus	<i>Hibiscus</i>	Seca	Laxante, digestivo, diurético, obesidade, tireoide, antiespasmódico e triglicerídeos	Flor (Chá)	Importada e São Paulo
	Família Malvaceae				
Hortelã	Família Lamiaceae	Fresca	Desintoxicante, cólicas estomacais e mal hálito	Folha (Chá)	Pará
Hortelanzinho	Família Lamiaceae	Fresca	Estômago, gastrite e gases	Folha (Sumo)	Pará
Imbiriba	<i>Xylopi</i> sp.	Seca	Fortificante	Semente (chá)	Região Nordeste
	Família Annonaceae				
Insulina vegetal	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Fresca	Diabetes	Folha (Chá)	Pará
	Família Vitaceae				
Ipê roxo/pau d'arco	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S. O. Grose; <i>Handroanthus</i> sp.	Seca	Tumores, câncer, reumatismo, anemia, anti-inflamatório, problemas no útero, corrimento, gastrite	Casca (Chá)	Vários lugares do Brasil
	Família Bignoniaceae				

Jaborandi	<i>Pilocarpus microphyllus</i> Stapf ex Wardleworth	Seca	Caxumba, queda de cabelo, problemas nos rins	Folha (Chá)	Vários lugares do Brasil
	Família Rutaceae				
Jacareuba	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Seca	Tumores, úlceras e diabetes	Casca (Chá)	Região Norte
	Família Clusiaceae				
Japana Branca	<i>Ayapana triplinervis</i> (M.Vahl) R.M.King & H.Rob	Fresca	Expectorante e gripe, sinusite, renite e dor de cabeça	Folha (Banho e Xarope)	Pará
	Família Asteraceae				
Japana Roxa	Família Asteraceae	Fresca	Expectorante e gripe	Folha (Banho e Xarope)	Pará
Jatobá	<i>Hymenaea</i> sp.	Fresca	Anemia, bronquite, pneumonia, tônico, próstata	Casca (Chá)	Pará
	Família Fabaceae				
Jequitibá	<i>Cariniana</i> sp.	Seca	Garganta inflamada, corrimento, problemas nos ovários e útero e boca, inflamação nas mucosas	Casca (Chá e asseio)	Vários lugares do Brasil
	Família Lecythidaceae				
Joana d' arc	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Fresca	Descarrego	Planta(Banho)	Pará

	Família Asparagaceae		Proteção	Planta em casa	
João da Costa	Não identificada	Seca	Inflamações das vias urinárias, útero, ovários	Casca (pedaço do caule)	São Paulo
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> C. Mart.	Seca	Anemia, inflamação, cicatrizante, asseio, baixa resistência, gripe, resfriado, expectorante, caspa, diabetes e tosse	Pó e Vagem (Chá)	Região Nordeste
	Família Fabaceae				
Jurema		Seca	Cicatrizante e úlcera.	Casca (Chá)	Região Norte
Juá	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Seca	Caspa, piolho, seborreia, tônico capilar, cárie	Pó	São Paulo
	Família Rhamnaceae				
Limãozinho	<i>Citrus</i> sp.	Fresca	Constipação e resfriado	Folha com caule (banho de cabeça)	Pará
	Família Rutaceae				
Linhaça	<i>Linum</i>	Seca	Emagrecimento.	Semente	Importada e nacional
	Família Linaceae				
Louro	<i>Laurus nobilis</i>	Seca	Melhorar a digestão, diminuição da urina, dor nos nervos, amenorréia.	Folha(Chá)	Importado e nacional
	Família Lauraceae				
Macela	<i>Achyroclines atureoides</i>	Seca	Estômago, diarreia, má	Flor	Região nordeste e

	Família Asteraceae		digestão, mal hálito.	(Chá)	São Paulo
Mandacaru	<i>Cereus</i> sp.	Fresca	Cálculo renal e dor ao urinar.	Caule	Pará
	Família Cactaceae				
Malva branca	<i>Waltheria douradinha</i> A. St.-Hil.	Seca	Tosse, prisão de ventre, dor, problemas de garganta, erupções cutâneas	Folha (Chá)	São Paulo
	Família Malvaceae				
Malva arisco / Capépa	<i>Piper umbellatum</i> L.	Fresca	Erisipela, inchaço dos membros	Folha (coloca ela em cima do local)	Pará
	Família Piperaceae				
Manjeriçã	<i>Ocimum minimum</i> L.; <i>Ocimum campechianum</i> Mill	Fresca	Gripe e atrativo	Folha e talo (Banho)	Pará
	Família Lamiaceae				
Manjeriçã roxo	<i>Ocimum</i> sp.	Fresca	Gripe e resfriado	Folha (Banho para cabeça)	Pará
	Família Lamiaceae				
Mão aberta	Não identificada	Fresca	“Abre mão de vaca” (pessoa deixa de “ser sovina”)	Planta e conforme a raiz (a batata) cresce o efeito vai surgindo	Pará
Marapuama	<i>Ptychopetalum</i> sp.	Fresca	Paralisia	Casca (galho)	Pará

				(Banho)	
Família Olacaceae				Fraqueza gastro-intestinal e cardíaca	
				(Chá)	
Maria-fumaça/ Combate/ Não identificada Ei-de-vencer		Fresca	Combate a força do mal (umbanda), se vence o mal vence qualquer coisa	Folha com flor	Pará
Marupazinho / Marupá / marupaí	<i>Eleutherine plicata</i> Herb. ex Klatt	Fresca	Infecção intestinal	Chá (cortar a raiz como cebola)	Pará
Família Iridaceae					
Mastruz / Erva santa	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Fresca	Expectorante, baixa resistência, anemia, bronquite, pneumonia, asma	Folha (Chá)	Pará
Família Amaranthaceae					
				Verme	
				Sumo	
Mata pasto	<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	Fresca	Alergia.	Folhas com caule(Banho)	Pará
				Pó do aborrecimento	
				Expulsa de casa	

Família Fabaceae			pessoas indesejadas.		
Melão de São Caetano*	<i>Momordica charantia</i> L.	Fresca	Coceira e alergia	Banho	Pará
Família Cucurbitaceae					
Miraruira	Não identificada	Seca	Diabetes, torna regular a taxa de glicose o sangue	Raspa da casca (chá)	Amazonas e São Paulo
Mucuracaá / Tipi /guiné*	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Fresca	Derrame, dor de cabeça (entretanto não pode usar muito, pois enfraquece os neurônios)	Folhas (Banho e Infusão em álcool)	Pará
Família Phytolaccaceae					
Mulungo	<i>Erythrina dominguezii</i> Hassl.	Seca	Insônia	Casca (Chá)	São Paulo e região nordeste
Família Fabaceae					
Murure	<i>Brosimum</i>	Seca	Reumatismo, lepra, sífilis, depurativo	Casca (Chá)	Região Norte
Família Moraceae					
Nó de cachorro		Seca	Estimulante sexual	Semente (Chá)	São Paulo
Noni	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Seca	Câncer, diabetes, hipertensão, colesterol, gastrite, úlcera, fortalece sistema	Fruto (Chá)	Vários lugares do Brasil
Família Rubiaceae					

			imunológico e debilidade sexual		
Noz moscada	<i>Myristica fragrans</i>	Seca	Auxilia a digestão, gases.	Semente	São Paulo
	Família Miristicaceae				
Orégano	<i>Origanum vulgare</i> L.	Seca	Dor de cabeça, cólica, gases, enjoo.	Folhas (Chá)	São Paulo
	Família Lamiaceae				
Paricá	<i>Piptadenia peregrina</i> (L.) Benth.	Seca	Bronquite, pneumonia, disenteria, hemorragia de útero, gonorreia	Casca (Chá)	Região nordeste
	Família Fabaceae				
Pariri	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	Fresca e seca	Anemia, inflamações, anemia, cirrose, hepatite	Folha (Chá)	Pará e vários lugares do Brasil
	Família Bignoniaceae				
Pata de vaca	<i>Bauhinia monandra</i> Kurz	Fresca e Seca	Pedra no rim, problemas de rins e estômago, diabetes, emagrecedor, colesterol, triglicerídeos diurético	Folha (Chá)	Pará e vários lugares do Brasil
	Família Fabaceae				
Pataqueira	<i>Conobea scoparioides</i> Benth.	Fresca	Atrativo	Folha (Banho)	Pará

Família Scrophulariaceae						
Patichouli	<i>Vetiveria zizanioides</i> (L.) Stapf	Fresca	Queda de cabelo, calmante, diabetes, relaxante e coração.	Raiz (Chá)	Pará	
Família Poaceae						
			Atrativo.			
			Enfeite e	Banho		
			Perfume.			
Pau temente/ Quassia	<i>Quassia amara</i>	Seca	Diabetes, parasitas intestinais, febre, diarreia, colesterol e emagrecedor	Casca (Chá)	São Paulo	
Família Simaroubaceae						
Paxiúba	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H.Wendl.	Fresca	Descarrego	Raiz aérea e casca (Banho)	Pará	
Família Arecaceae						
Pedra-ume-caã	<i>Myrcia citrifolia</i> (Aubl.) Urb.; <i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC; <i>Myrcia speciosa</i> (Amshoff) McVaugh	Seca	Diabetes, diarreia, afta, feridas, asseio, hemorragia	Folha (Chá)	Região norte	

Família Myrtaceae					
Pião branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	Fresca	Descarrego, pressão alta, sinusite, dor de cabeça, verme, vômito em cachorro resfriado	Planta toda, exceto raiz	Pará
Família Euphorbiaceae					
Pião Roxo*	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Fresca	Descarrego e resfriado	Planta toda, exceto raiz	Pará
Família Euphorbiaceae					
Picão	<i>Bidens pilosa</i>	Fresca e Seca	Icterícia, erisipela, cólicas, hepatite, cirrose, anemia profunda, reumatismo, tosse, cálculo renal, gripe e dor no peito	Folha (Chá)	Pará e São Paulo
Família Asteraceae					
Pirarucu	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Fresca	Dor de estômago, gastrite, tosse, erisipela, útero	Folha (sumo e chá misturado com leite)	Pará
Família Crassulaceae					
Porangaba	<i>Cordia ecalyculata</i> Vell.	Seca	Sífilis, diurético, problemas nas vias urinárias, albumina e	Folha e caule (Chá)	São Paulo
Família Boraginaceae					

			obesidade		
Pucá	<i>Cissus sicyoides</i> L.	Fresca	Pressão alta e baixa e dores de cabeça	Chá (folha)	Pará
	Família Vitaceae				
			Derrame	Fricção (massagem)	
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus</i> spp.	Fresca e Seca	Problemas no sistema urinário, diurético, indisposição do fígado	Planta inteira	Pará e São Paulo
	Família Phyllanthaceae				
Quina	<i>Quassia amara</i>	Fresca	Febre, malária, abortífera	Folha (Chá)	Pará
	Família Simaroubaceae				
			Piolho	Banho de cabeça	
Raiz de camapú	<i>Physalis</i>	Fresca	Colesterol	Raiz (Chá)	Pará
	Família Solenaceae				
			Triglicerídeos		
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Seca	Dor de garganta, adstringente, gengivite, inflamações internas	Casca do fruto (Chá)	Vários lugares do Brasil
	Família Lythraceae				
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	Fresca e Seca	Sarampo, resfriado, febre, catapora, dor de garganta, hemorroida, retenção de urina e diarreia.	folhas e flor (chá)	Pará e São Paulo
	Família Adoxaceae				

Salsa do mato/Salsa Braba	Não identificada	Fresca	Coceira, alergia, micose e frieira	Folha, banho e sumo (passa no local)	Pará
Salva do Marajó	Não identificada	Seca	Dor de cabeça, dores gástricas e intestinais, dificuldades menstruais, cólica menstrual, afta, suor frio, dor de garganta, dor no peito.	Folhas (Chá)	Marajó
Semente de mostarda	<i>Brassica campestris</i>		Derrame	Semente (Chá)	Indeterminado
	Família Brassicaceae				
Sene	<i>Senna</i>	Seca	Prisão de ventre, emagrecimento, laxante	Folha (Chá)	São Paulo
	Família Fabaceae				
Sombra do mundo/Afasta espírito	Não identificada	Fresca	Afastar o mal e descarrego	Planta inteira (Banho)	Pará
Sucuba	<i>Himathanthus articulatus</i> (Vahl) R. E. Woodson	Seca	Ameba, gastrite, úlcera, verme, hemorragias e anti-inflamatório	Casca (chá)	Região Norte
	Família Apocynaceae				
Sucupira	<i>Bowdichia sp.</i>	Seca	Sífilis, reumatismo crônico, inflamação na	Semente (Chá)	Regiões Norte e

	Família Fabaceae			garganta, amenorreia.		Nordeste
Sucuriju	<i>Mikania lindleyana</i> D.C.	Fresca	Inflamação intestinal e estomacal, fígado vômito e diarreia	Folha (Chá)		Pará
	Família Asteraceae					
Tamaquaré	<i>Caraipa densifolia</i> Mart.	Fresca	Amansa e acalma homem ou mulher	Lava a roupa da pessoa		Pará
	Família Calophyllaceae					
Tapuerába/ Quebra gibança	Não identificada	Fresca	Anti-inflamatório e cicatrizante	Folha (Chá)		Pará
Umbigo de castanha-do-pará	<i>Bertholletia excelsa</i>	Fresca	Anemia, cirrose, anti-inflamatório e hepatite.	Parte do ouriço da castanha		Pará
	Família Lecythidaceae					
Unha-de-gato	<i>Uncaria</i> sp.	Fresca e Seca	Câncer, anti-inflamatório, artrite, artrose, trombose, osteoporose, cisto, mioma, antisséptica, reumatismo, pneumonia, bursite	Caule e folha (Chá)		Pará
	Família Rubiaceae					
Urubucaá/urubuzinho	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc.	Fresca	Febre, malária, abortífero poderoso.	Folha (Chá)		
	Família Aristolochiaceae					
Uxi amarelo	<i>Endopleura uchi</i> (Huber)	Fresca	Anti-inflamatório	Casca e Carçoço		Pará

Cuatrec.

Família Humiriaceae

Vai e volta Fresca Atrativo Semente Pará

Vassourinha *Scoparia dulcis L.* Fresca Coceira, alergia, Planta inteira Pará

Família Scrophulariaceae

Infusão no álcool
Inflamação renal e cálculo renal

Chá

Verônica *Dalbergia monetaria L.* Seca Cicatrizante, bronquite, Casca (Chá e banho) Região Norte

asma, anti-inflamatório, asseio vaginal, gota, diarreia, anemia, hemorragia, cálculo na bexiga, lavar feridas velhas

Família Fabaceae

Venci tudo *Commelina sp.* Fresca Descarrego Folha (Banho) Pará

Família Commelinaceae

Vinagreira roxa *Hibiscus* Fresca Hemorroida Folha (Chá) Pará

Coceira, micose e

Família Malvaceae

antialérgico

(Banho)

Vindicá

Alpinia nutans (L.) Roscoe

Fresca

Problemas no coração

Folha (Chá)

Pará

Família Zingiberaceae

Atrativo

(Banho)





4.3 Os animais medicinais e mágico-religiosos: no mercado tem

Identificamos no Mercado Público do Guamá 14 espécies de animais (Tabela 2) com finalidade medicinal e mágico-religiosa. Esses animais estão distribuídos em 5 categorias taxonômicas: mamíferos (n=6), répteis (n=4), aves (n=2), peixes (n=1), asteroidea (n=1). A predominância do uso de mamíferos, répteis e aves também foi observada por Barros *et al* (2012) em estudo realizado na região da Terra do Meio, no Pará. Alves (2007) também mostra que, de acordo com estudos feitos no Brasil, peixes, mamíferos, répteis e aves são as categorias mais usadas, respectivamente. Em Alves & Rosa (2007), os mamíferos e répteis também são, respectivamente, os grupos mais relatados como medicinais em áreas urbanas de São Luís, Belém, Campina Grande, João Pessoa e Teresina. É importante ressaltar a dificuldade de obtenção de informações sobre os usos desses animais junto aos entrevistados, uma vez que nos últimos anos a fiscalização do comércio de fauna tem se intensificado por parte do IBAMA. Essa dificuldade também foi observada em trabalhos conduzidos por Alves & Alves (2012) e Albuquerque *et al.* (2010a).

Durante nosso trabalho de campo, os vendedores mostraram-se receosos em dizer que comercializam alguns artigos de origem animal, posto que é considerado crime pela LEI Nº 9.605 (Brasil, 1998). A desconfiança pode ser vista com a seguinte fala de um entrevistado:

“...já trabalhei com algumas coisas como banha de tartaruga, sebo de carneiro, espinho de quando, couro de jiboia, banha de jiboia, osso de macaco...algumas coisas assim, mas fui penalizado e eu não quero mais isso pra mim...o IBAMA mesmo chega pesado e leva o que tem, aí se você questiona você pode ser processado...”(N.).

Acreditamos que ao longo do tempo tenha havido uma diminuição do número de produtos de origem animal em função do aumento da fiscalização. Esse fato pode ser comprovado não apenas no Mercado do Guamá, mas em outros espaços populares de vendas de produtos medicinais. Nossas observações têm indicado que os erveiros estão aos poucos se conscientizando com relação ao aspecto legal da atividade, bem como adquirindo uma consciência de conservação da biodiversidade.

Tabela 2 – Animais com finalidades medicinal e mágico-religiosa comercializados no Mercado do Guamá, Belém, Pará.

Nome Popular	Nome Científico	Parte usada banca 1	Uso na banca 1	Parte usada banca 2	Uso na banca 2
Bota tucuxi	<i>Sotalia fluviatilis</i>	Óleo com pedaço do sexo (vagina)	Conquistar os homens	Perfume	Atrativo
Boto tucuxi	<i>Sotalia fluviatilis</i>	Óleo com pedaço do sexo (pênis)	Conquistar as mulheres (óleo).Tê-las para sempre	Perfume	Atrativo
Carneiro	<i>Ovis aries</i>	Sebo	Artrite, artrose, atrofiamento, reumatismo, massagem para melhorar a circulação	Sebo	Amolecer juntas, atrofiamento, rachadura nos pés
Cavalo Marinho	<i>Hippocampus</i>	Inteiro	Atrativo de boa sorte	-	-
Estrela do mar	<i>Astropecten</i> sp.	Inteiro	Atrativo de boa sorte	-	-
Jabuti	<i>Chelonoidis</i>	Pó	Amansar pessoas	-	-
Jiboia	<i>Boa constrictor</i>	-	-	Banha	Derrame
Mucura	<i>Didelphis marsupialis</i>	Óleo	Evitar dores de gestação e	Couro, perfume	Atrativo

segurar filho					
Porco doméstico	<i>Sus scrofa domesticus</i>	-	-	Banha	Reumatismo, artrose, osteoporose, bursite
Preguiça	<i>Bradypus</i>	-	-	Banha	Inchaço, erisipela, emplastro (fratura)
Quanti	<i>Nasua nasua</i>	Pênis	Fortalece o corpo do homem para ser mais viril	-	-
Tamaquaré	<i>Uranoscodon superciliosus</i>	Pó	Amansar gente braba	Perfume	Amansar gente braba
Tartaruga	Testudines	Banha	Massagem para dores, inchaço	Banha	Limpeza de pele, rugas, manchas, cravos
Uirapuru	Passeriformes	Líquido da infusão da cabeça ou dele todo	Atrai as atenções para pessoa que usa o líquido	Perfume	Atrativo
Urubu	<i>Coragyps atratus</i>	Pó (Fígado macerado)	Dá dor no estômago para pessoa pensar que é efeito do uso de álcool e parar de	-	-

beber





“...só que hoje já não é permitido, né? O IBAMA tá aí e o meio ambiente é rico, porém se tirar ele acaba...aí já não se permite tá... matando boto pra se tirar pênis, banha ou o olho...”(N.).

Entretanto, por mais que exista essa ressignificação teórica à legislação que proíbe a comercialização de produtos de animal silvestre, ela ainda ocorre na prática, como pôde ser constatado pela observação participante durante o presente estudo, o qual demonstrou que ainda tem gente que procura por esses produtos, inclusive as pessoas os encomendam. Em nossas conversas, registramos, nas poucas ocasiões, que a origem desses artigos é diversa, vindo principalmente de municípios do interior do Pará, como se pode perceber na fala a seguir:

“...todas massagens (banhas) não tem contraindicação...vem do interior também...ainda tem muitas pessoas que comem, né? Esses bichos aí eles trazem banha, couro...não, não tenho (couro de jiboia), eu tinha, mas acabou...serve como atrativo...vem...tem muitos que eles trazem aqui...que é daqui do outro lado, de Boa Vista...”(A.).

Os saberes tradicionais relacionados aos usos e apropriações de produtos de origem animal são transmitidos aos erveiros a partir de pessoas dos municípios do interior do estado, que por sua vez passam esses saberes para pessoas que têm mais contato com a região metropolitana até chegarem aos vendedores dos mercados e feiras, como mostrou nosso estudo. A narrativa a seguir ilustra essa afirmação:

“...mas tem gente que é do interior, né? Que falam...quem procura muito isso aí são pessoas que viajam pro interior aí as pessoas do interior já ensinam, elas vem procurar aqui, entendeu? Que é essas banhas...olha faz isso aqui que é bom...os mais antigo, né? Os idosos... aí a pessoa vem procurar aqui...elas já fazem assim no conhecimento dos mais idosos...”(A.).

O sexo do boto (pênis) ou da bôta (vagina) (Figura 4) é tradicionalmente usado como atrativo da pessoa amada ou desejada. Para as mulheres, recomenda-se o uso da vagina e, no caso dos homens, a orientação é fazer uso do pênis do boto. Diversos estudos demonstram a associação dos órgãos genitais de animais com problemas de impotência masculina ou falta de libido feminina (Fraxe, 2004; Barros et al., 2012). A seguir apresentamos uma narrativa que comprova a importância do uso do boto:

“...em relação ao boto, ao óleo de boto, o pênis ou a vagina do boto dizem que a pessoa que utiliza o óleo do boto...se for homem, se torna um homem garanhão pra todas as mulheres, é só olhar e tá na mão...se for a mulher, no caso, ela vai conquistar os homens...e se for as partes genitais da bota ou do

boto, se for homem vai ter a mulher pra sempre, porque ele vai conquistar ela pelo sexo, o boto, ele encanta as mulheres, engravida e toma, principalmente as mulheres, muito bem casadas, que passam a pensar somente nele....”(N.)

Autores como Alves & Rosa (2008), Alves *et al.* (2010) e Alves *et al.* (2012) também citam o uso do boto tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) com intuito mágico-religioso na região Norte do Brasil, também para atrair a pessoa desejada; e, segundo Alves *et al.* (2007), duas espécies do gênero *Sotalia* foram reportadas em estudos no Brasil como vendidas como lembrança ou com fins mágico-religiosos.

Figura 4 – Vulva da boto secando para posteriormente ser cortada em pedacinhos e colocada em frascos com óleo do próprio animal. Lado interno (esquerda), lado externo (direita). Superfície onde ela se encontra possui 45 cm x 37 cm.



Foto: BLGB.

Já o uirapuru é usado como atrativo, o que também possivelmente tem seu uso ligado à lenda do próprio animal que diz que uma índia foi transformada no uirapuru para que ela pudesse continuar próxima do seu amado perdido sem perturbá-lo com sua presença e que o canto por ela/ele entoado é tão belo que encanta e traz sorte a quem o escuta, como mostra Socorro (2010). Há a crença de que carregar alguma espécie de talismã feito dele atrai coisas boas como cita Dias (2009). A seguir um registro feito de um dos entrevistados que mostra esse uso:

“...o uirapuru...é óleo no caso...é infusão, no caso, eles colocam a cabeça ou o próprio uirapuru dentro de uma infusão e tira aquele óleo...o canto do uirapuru encanta na selva, a pessoa vai e o uirapuru começa a cantar e você se encanta, porque é muito lindo o canto do uirapuru, aí você fica procurando, vai indo adentrando e acaba se perdendo e com isso você fica encantado e se perde...é atrativo pra chamar pra você...como o canto chama, o líquido é pra chamar as atenções pra você...” (N.).

Segundo Alves *et al.*, citado por Policarpo (2013), um tipo de uirapuru, o uirapuru-verdadeiro (*Cyphorhinus aradus*) é usado como místico-religioso em estados como Pará, Maranhão e Piauí e segundo Alves *et al.* (2012) o uirapuru laranja (*Pipra fasciicauda*) e o uirapuru-verdadeiro (*Cyphorhinus aradus*) são usados também com intuito atrativo.

O óleo da mucura (*Didelphis marsupialis*) é usado para não causar dores de gestação. Gestantes, segundo um dos entrevistados, o usam e dizem que funciona bem. As mães usam também para segurar os filhos (as), para que eles (as) fiquem sempre “*debaixo de suas asas*”. Nessa questão, fato e crença se misturam visivelmente quando se observa que a mucura gesta, pela maior parte do tempo, sua prole fora do ventre, na bolsa marsupial, logo não tem dores de gestação e “segura” seus filhotes na bolsa como pode ser observado na fala:

“...a banha da mucura em si né? Dizem que como a mucura não usa a...não sente dores para ter o filho, porque ela gera o filho dentro de uma bolsa e lá está os mamilos, o peitinho dela para que os filhos possam se alimentar da mesma forma, né? Seja mito ou não...mas a banha da mucura passada na barriga da mulher em si faz com que ela tenha filhos sem dores...essa é a história da mucura...”(N).

Alves *et al.* (2010b) e Alves (2007) citam a utilização da gordura de um *Didelphis* com a intenção medicinal, porém para furúnculo e bulbo inguinal. Em Alves & Alves (2011) são apresentados 4 espécies de *Didelphis* com finalidade medicinal, sendo que *Didelphis marsupialis* é indicada para acelerar o parto e para dores de gestação e *Didelphis virginiana* para acelerar a gestação. Já em Alves *et al.* (2012) a gordura da *Didelphis marsupialis* é usada como mágico-religiosa, mas para arruinar a vida de alguém. Em estudo feito com comunidades ribeirinhas de Abaetetuba/Pará, Azevedo e Barros (2013) registraram o uso de *Didelphis marsupialis* tanto com finalidade medicinal (para evitar dores de parto) como alimentar.

O pênis do quati (*Nasua nasua*), chamado popularmente de prego é comercializado em nosso local de pesquisa visando tornar os homens que o utilizam

mais viris e assim evitar a impotência. Assim como em nosso trabalho, o pênis do quati também foi relatado em outros trabalhos com a mesma finalidade (Moura & Marques, 2008; Alves & Alves, 2011; Alves & Rosa, 2007). O pó feito do fígado do urubu foi indicado em nosso estudo para causar mal estar na pessoa que o ingere, criando assim a impressão de que esse mal-estar foi causado pelo alcoolismo, pois esse pó é administrado para pessoas dependentes de álcool sem que elas saibam, para que a pessoa tentando parar o mal-estar pare a “causa dele”, que viria a ser, na concepção do dependente, o álcool. Alves & Alves (2011) e Ferreira et al. (2009b) também relataram o uso do urubu para combater o alcoolismo. E autores como Policarpo (2013), Alves & Rosa (2006) e Monroy-Vilchis et al. (2008) também registraram o uso medicinal dessa ave.

O carneiro é usado como pomada para problemas como artrite, má circulação e rachaduras nos pés (ver Tabela 2). Os usos em artrite e reumatismo também são mostrados por Alves et al. (2010b) e Alves & Rosa (2007). Em Alves & Alves (2011) a indicação é para artrite, artrose, rachadura nos pés e reumatismo. Nosso estudo registrou o uso do cavalo marinho com a finalidade de atrair sorte. Segundo Alves *et al.* (2012), duas espécies de *Hippocampus* são usadas também com a finalidade de atrair boa sorte nas cidades de Belém, São Luís, João Pessoa, Campo Grande, Teresina e Caruaru. Entretanto, só o *Hippocampus reidi* é usado em Belém. Em Barbosa & Aguiar (2012), *Hippocampus* também é usado como mágico-religioso. A estrela-do-mar também é usada no local foco da pesquisa como atrativa de boa sorte (Figura 5).

Figura 5 – Cavalos marinhos (esquerda) e estrelas-do-mar (direita) comercializados no Mercado Público do Guamá, Belém do Pará.



Foto: BLGB.

A jiboia (*Boa constrictor*) é listada nas bancas onde nossa pesquisa foi empreendida como usada tanto para derrame (Acidente Vascular Cerebral) quanto como atrativo. O uso do couro como atrativo é citado por Alves *et al.* (2012) e em Alves e Rosa (2007), como medicinal. A banha de jiboia também é usada como medicinal em Branch & Silva (1983), sendo indicada para dores na região do estômago e em Alves *et al.* (2010b) para reumatismo e dor nas costas.

A banha da preguiça é citada por Branch & Silva (1983) como medicinal, entretanto, nesse trabalho, seu uso é citado como antídoto para picada de insetos ou escorpiões e excreções vaginais. Já em nosso estudo é usada para inchaço, erisipela, emplastro para fraturas. E em Alves *et al.* (2010b) a gordura desse animal é citada como boa para tratamento de asma e úlcera. Em Alves & Alves (2011) duas espécies de *Bradypus* são citadas como medicinais. E em Alves & Rosa (2007) a pele da *Bradypus variegatus* é usada para úlcera e asma.

Para nós o uso de quelônios foi listado para massagem para dores e inchaço. E a banha de tracajá (*Podocnemis unifilis*) é usado para reumatismo (Branch & Silva, 1983). Alves & Alves (2011) e Alves & Rosa (2007) também citam usos medicinais para outros quelônios na América Latina e entre as prescrições estão acne, manchas de pele, rugas, inchaço e dores, assim como é mostrado em nosso trabalho para tartaruga.

O pó de jabuti foi informado como utilizado para tornar a pessoa que oingere mais calma, amansá-la. No artigo de Alves & Alves (2011) são reportados duas espécies de *Chelonoidis* (ambas chamadas de jabuti), a *Chelonoidis carbonaria* e a *Chelonoidis denticulata*, e as duas são vendidas em Belém. No trabalho de Barbosa & Aguiar (2012) *Chelonoidis* é usado como mágico-religioso. O tamaquaré tem seus usos indicados para tornar as pessoas mais calmas (amansá-las). Esses usos são reportados em Alves & Alves (2011) e Alves *et al.* (2012). O porco doméstico foi indicado por nossos entrevistados para bursite, osteoporose, artrite e reumatismo. O porco como fonte de recurso medicinal foi registrado também em trabalhos de Ferreira *et al.* (2009a), Costa Neto (2011) e Ferreira *et al.* (2009b).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo mostrou que a biodiversidade amazônica, e aquela vinda de outras regiões do país e do mundo, é apropriada de diversas maneiras pelas pessoas que

utilizam plantas e animais com diferentes objetivos, principalmente medicinal e mágico-religioso. Foi possível verificarmos que no universo do comércio desses elementos da biodiversidade existe uma complexa rede de comercialização que envolve atores com diferentes papéis, desde as pessoas que doam suas plantas cultivadas em quintais até os consumidores finais. A biodiversidade, com efeito, está envolta em aspectos que envolvem saberes, fazeres, crenças e sociabilidades que emergem dos mais diferentes lugares, recriando um sistema de resolução de problemas de saúde da vida humana que passa longe de um sistema oficial de saúde.

Identificamos que a comercialização é bastante dinâmica e envolve vários atores, como os erveiros do Mercado do Guamá, atravessadores do Ver-o-Peso, lojas especializadas na venda de ervas medicinais, cultivadores de plantas medicinais e mágico-religiosas (alguns que plantam para vender, outros que plantam para uso próprio), pessoas que vendem produtos de origem animal, pessoas que capturam esses animais, dentre outros.

Nosso estudo demonstrou, enfim, que a atividade dos erveiros não é apenas uma troca comercial, mas tem uma grande atuação na transmissão de saberes, prestando um serviço importante para a população, em sua maioria, de baixa renda. Embora esses usos populares da biodiversidade possam trazer riscos (usos inadequados, por exemplo) para a clientela que dela faz uso, acreditamos que a fé, associada ao uso, como disseram alguns clientes e os próprios interlocutores, exerça papel fundamental no sucesso dos produtos adquiridos. A trama observada nos faz refletir que o saber não é algo unidirecional, uma espécie de saber retido em uma só pessoa, mas sim é difundido em várias direções com atuação de inúmeros sujeitos que vão ao Guamá para comprar produtos, adquirir conhecimento sobre os usos desses produtos e propagar os conhecimentos. Enfim, no mercado tudo se resolve.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U.P. et al. A pesquisa etnobiológica em mercados e feiras livres. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Cunha, L. V. F. C. C. (Orgs.) 2010. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: Comunigraf/Nupeea, p. 209-222. 2010a.

ALBUQUERQUE, U.P. et al. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Cunha, L. V. F. C. C. (Orgs.) 2010. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: Comunigraf/Nupeea, p. 41-64. 2010b.

ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: R. E. Schultes & S. V. Reis (eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Cambridge, Timber Press, pp. 23-29. 1995.

ALEXIADES, M.N. 2004. Apresentação. In: Albuquerque, U.P., Lucena, R.F.P. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: LivroRápido, Nupeea. 2004.

ALVES, R.R.N., ALVES, H.N. The faunal drugstore: Animal-based remedies used in traditional medicines in Latin America. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 2011, 7.9: 1-43. 2011.

ALVES, R.R.N et al. An ethnozoological survey of medicinal animals commercialized in the markets of Campina Grande, NE Brazil. **Human Ecology Review**, 17(1). 2010b.

ALVES, R.R.N et al. The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. **BioScience**, 57(11), 949-955. 2007.

ALVES, R.R.N et al. Aspectos sócio-econômicos do comércio de plantas e animais medicinais em área metropolitanas do Norte e Nordeste do Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, 8(1), 181-189. 2008.

ALVES, R.R.N et al. Traditional uses and conservation of dolphins in Brazil. In: Agustin G.P. & Correa L.M. (Eds.) 2010. **Dolphins: Anatomy, Behavior and Threats**. New York, Nova Science Publishers, Inc., p. 1-14. 2010a.

ALVES, R.R.N. et al. Animals for the gods: magical and religious faunal use and trade in Brazil. **Human Ecology**, v. 40, n. 5, p. 751-780. 2012.

ALVES, R.R.N. & ROSA I.L. From cnidarians to mammals: The use of animals as remedies in fishing communities in NE Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, 107:259-276. 2006

ALVES, R.R.N & ROSA, .IL. Zootherapy goes to town: The use of animal-based remedies in urban areas of NE and N Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, 113:541-555. 2007.

ALVES, R.R.N & ROSA, I.L. Use of Tucuxi Dolphin *Sotalia fluviatilis* for medicinal and magic/religious purposes in North of Brazil. **Human Ecology**, 36(3), 443-447. 2008.

ALVES, R.R.N. & SOUTO, W.M.S. Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 7: 22. 2011.

AMOROZO, M.C.M. & GÉLY A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Nova Série, Belém, v. 4, n. 1, p. 47-131. 1988.

AZEVEDO, P.A. & BARROS, F. B. Comida, remédio, renda: conhecimentos e usos da mucura (*Didelphis marsupialis*) por comunidades ribeirinhas da Várzea Amazônica. **Amazônica: Revista de Antropologia**, 5 (3) – especial: 862-878, 2013.

AZEVEDO, S.K.S & SILVA, I.M. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20(1): 185-194. 2006.

BALICK, M.J & COX P.A. Plants, people and culture: the science of ethnobotany. Scientific American Library, 1996.

BARBOSA, J.A.A. & AGUIAR J.O. Utilização místico-tradicional da fauna no semiárido paraibano. **Polêm!ca**, 11(4), 642-a. 2012.

BARROS F. B. et al. Medicinal use of fauna by a traditional community in the Brazilian Amazonia. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 8:37. 2011.

BERG, M.E. Ver-o-Peso: The ethnobotany of an Amazonian market. **Advances in Economic Botany**, New York, 1: 140-149. 1984.

BERG, M.E.; SILVA, M.H.L. Ethnobotany of a traditional ablution in Pará, Brazil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Bot., v. 2, n. 2, p. 213-218. Jun. 1986.

BRANCH, L.C & SILVA, M.F. Folk medicine of Alter do Chão, Pará, Brazil. **Acta Amazonica**, 13(5-6): 737-797. 1983.

BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. **A lei da natureza: Lei de crimes ambientais**. IBAMA - Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Brasília: IBAMA, 1998.

BRASIL. Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. **Ministério da Saúde**. Brasília, 2007.

CBRO. **Lista das aves do Brasil**. 6ª edição (16 de agosto de 2007). Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos, Sociedade Brasileira de Ornitologia. 2007. Disponível em: <http://www.cbro.org.br>. Acessado:11/06/2014.

COELHO-FERREIRA, M. Le marché des plantes medicinales à Manaus. In: Empereire, L. (Org.). **La forêt in jeux: l'extrativisme en Amazonie Centrale**. vol. 1. , Pp.173-175. Paris, ORSTOM/UNESCO. 1996.

COSTA-NETO, E.M. et al. A zooterapia popular no Estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 16. 2011.

DIAS, R.M. **Em águas e lendas da Amazônia: os outros brasis de Waldemar Henrique e Mário de Andrade (1922-1937)**. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal do Pará, Belém, 2009. Disponível em:< <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4388>>. Acessado em: 10 Jun. 2014.

DIEGUES, A.C. Saber tradicional, ciência e biodiversidade. In: Diegues, A. C. (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP. 2000.

FERREIRA, F.S. et al. Animal-based folk remedies sold in public markets in Crato and Juazeiro do Norte, Ceara, Brazil. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, 9(1), 17. 2009a.

FERREIRA, F.S. et al. Zootherapeutics utilized by residents of the community Poço Dantas, Crato-CE, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 5(1), 1-10, 2009b.

FIGUEIREDO, N. Os bichos que curam: os animais e a medicina de “folk” em Belém do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, pp. 75-91, 1994.

FRAXE, T. J. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. Annablume. 2004.

HUNTIGTON, H.P. Using Traditional Ecological Knowledge in Science: Methods and Applications. **Ecological Applications**, 10(5), pp. 1270-1274, 2000.

JAIN, S. K. Human aspects of plants diversity. **Economic Botany** 54(4): 459-470. 2000.

LIMA, M.R. & SANTOS, M.R.A. Aspectos etnobotânicos da medicina popular no município de Buritis, Rondônia. **Embrapa Rondônia-Artigo em periódico indexado (ALICE)**. 2006.

LIMA, P. G. C., COELHO-FERREIRA, M., & OLIVEIRA, R. Plantas medicinais em feiras e mercados públicos do Distrito Florestal Sustentável da BR-163, Estado do Pará, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. Brasília, 25(2). 2011.

LORENZI, H. & MATOS, F. J. A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 2008.

LUZ F.J.F. Plantas medicinais de uso popular em Boa Vista, Roraima, Brasil. **Horticultura Brasileira**, 19(1), 88-96. 2001.

MARTINS, A. G. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacologia**, 86(1), 21-30. 2005.

MEDEIROS, P.M. et al. Uso de estímulos visuais na pesquisa etnobiológica. In: In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Cunha, L. V. F. C. C. (Orgs.) 2010. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: Comunigraf/Nupeea, p. 151-169. 2010.

MOHAMAD, S. **The ethnobotany of the Semelai community at Tasek Bera, Pahang, Malaysia: an ethnographic approach for re-settlement.** Thesis (Doctor of Philosophy). The University of Adelaide, Australia, 2010.

MONROY-VILCHIS, O. et al. "Uso tradicional de vertebrados silvestres en la Sierra Nanchititla, México". **Interciencia**. Vol. 33, n. 4 (abr. 2008), pp. 308-313. 2008.

MOURA, F.B.P. & MARQUES, J.G.W. Zooterapia popular na Chapada Diamantina: uma medicina incidental? **Ciência e Saúde Coletiva** [online]. vol.13, suppl.2, pp. 2179-2188. 2008.

NGUYEN, M.L.T. Cultivated plants collections from markets places. **Ethnobotany Research & Applicatins**, 3: 5-15. 2005.

PARENTE, C. E. T. & ROSA, M. M. T. Plantas comercializadas como medicinais no Município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia**, v. 52, n. 80, p. 47-59, 2001.

PATZLAFF, R.G & PEIXOTO, A.L. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.16, n.1, p. 237-246. 2009.

PINTO, A.A & MADURO, C.B. Produtos e subprodutos da medicina popular comercializadas na cidade de Boa Vista, Roraima. **Acta Amazônica**, 33(2), 281-290. 2003.

PINTO, E. D. P. P., AMOROZO, M. C. D. M., & Furlan, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica–Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, 20(4), 751-762. 2006.

POLOCARPO, I.D.S. **Uso de aves silvestres no Brasil: aspectos etnozoológicos e conservação.** Graduação (Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Campo Grande, 2013. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2749>>. Acessado em: 11 Jun. 2014.

POSEY, D.A. Introdução-etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, B. G. (Coord.). In: **Suma Etnológica Brasileira: volume I Etnobiologia**. Belém: Editora Universitária UFPA, p. 1-15. 1997

POVH, J. A. & ALVES, G. S. P. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba–MG. **Biotemas**, v. 26, n. 3, p. 231-242, 2013.

RAMOS, M.A et al.. O comércio das plantas medicinais em mercados públicos e feiras livres: um estudo de caso. In: Albuquerque U.P.; Almeida C.F.C.B.R; Martins J.F.A. (Orgs.). **Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas**. Recife, NUPEEA, p. 127-164. 2005

ROSKOV Y. et al. (eds.). **Species 2000 & ITIS Catalogue of Life, 2014 Annual Checklist**. Species 2000: Naturalis, Leiden, the Netherlands. 2014. Disponível em: <www.catalogueoflife.org/annual-checklist/2014>. Acessado em: 11/06/2014.

ROTTA et al. **Manual de Prática de Coleta e Herborização de Material Botânico**. Colombo/PR : Embrapa Florestas. 2008.

SANTOS, L.L. et al. Técnicas para coleta e processamento de material botânico e suas aplicações na pesquisa etnobotânica. In: In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Cunha, L. V. F. C. C. (Orgs.) 2010. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: Comunigraf/Nupeea, p. 277-295. 2010.

SANTOS, M.A.C. Levantamento de Espécies Vegetais Úteis das Áreas Sucuriju e Região dos Lagos, no Amapá. **Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá**. 2006.

SILVA, N. et al. Conhecimento e Uso da Vegetação Nativa da Caatinga em uma Comunidade Rural da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão**, (34): 5-37. 2014.

SILVA, D.D.C. S & FRANÇA, E.C.O. Plantas que curam: eficácia simbólica na religiosidade popular. **Anais dos Simpósios da ABHR**, 13. 2012.

SOCORRO, M. Lendas e mitos da Amazônia. **Revista Litteris Literatura**, (5). 2010.

SOUTO, F.J.B. A imagem que fala. O uso da fotografia em trabalhos etnoecológicos. In: In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Cunha, L. V. F. C. C. (Orgs.) 2010. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: Comunigraf/Nupeea, p. 171-185. 2010.

TOLEDO, V. M. & BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20: 31-45. 2009.

World Health Organization (2003)- ---World Health Organization (WHO). **Traditional medicine**. Fact sheet [online], n. 134, revised may 2003. Disponível em <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs134/en/>>. Acessado em: 11 agos. 2013.